

# Desenvolvimento Local e Regional em Questão:

uma Compreensão a Partir do Enfoque de uma “Economia Política Neogramsciana” do Desenvolvimento Contemporâneo

Valdir Roque Dallabrida<sup>1</sup>

Cíntia Agostini<sup>2</sup>

## Resumo

---

O presente artigo explora a possibilidade de conceber o desenvolvimento contemporâneo, a partir de uma “economia política neogramsciana”. Toma-se como referência a obra de um autor brasileiro, o professor doutor Dinizar Becker (1947-2003). A primeira parte do referido artigo faz menção às bases teóricas que sustentam a obra deste autor. Na sequência, trata do que aqui denomina-se de enfoque da economia política neogramsciana do desenvolvimento. Para tanto, num primeiro momento, refere-se à tese da transnacionalização econômico-financeira; num segundo, à antítese da regionalização; para, no final, destacar a síntese da flexibilização político-institucional.

**Palavras-chave:** Economia política neogramsciana. Desenvolvimento contemporâneo. Dinizar Becker.

---

<sup>1</sup> Professor doutor em Desenvolvimento Regional, com atuação no Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC), campus de Canoinhas/SC. valdirroqued897@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora no curso de Administração e mestre em Ambiente e Desenvolvimento da Univates. cintia@univates.br.

## **Abstract**

---

This article explores the possibility to conceive the contemporary development from a “neogramscian political economy”. We take as reference the work of a Brazilian author, named Dr. Dinizar Becker (1947-2003). The first part of that article makes mention of the theoretical bases that support the work of this author. Next, we treat about what here we called the focus of the political economy of neogramscian development. Therefore, at first we refer to the theory of economic-financial transnational nature and in the second time we refer to the antithesis of regionalization; to ultimately highlight the synthesis of political and institutional flexibility.

**Keywords:** Neogramsciana economy politics. Development contemporary. Dinizar Becker.

Este artigo pesquisa o tema referenciado no título a partir da leitura e análise da obra de um autor brasileiro, o professor universitário doutor Dinizar Fermiano Becker (1947-2003).

O autor em referência era doutor em Economia pela Unicamp e pós-doutor em Economia Política pela Universidade do Minho (Portugal), professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado da Unisc – e professor na Graduação e Pós-Graduação na Univates, ambas universidades do Rio Grande do Sul. Além de atividades acadêmicas, exerceu mandatos de presidente do Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Taquari – Codevat – e de presidente do Fórum Estadual dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul – Coredes.

O professor doutor Becker tem uma significativa produção acadêmica, sintetizada em livros e dezenas de artigos. Infelizmente veio a falecer em 2003, em plena atividade acadêmica, e alguns de seus escritos nem sequer foram publicados.

O presente artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado, da aluna Cíntia Agostini no Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento da Univates (Agostini, 2003).

A abordagem do tema em referência – *uma compreensão das oportunidades e desafios do desenvolvimento local e regional a partir do enfoque de uma economia política neogramsciana do desenvolvimento contemporâneo* – a partir da obra de um único autor, justifica-se por vários motivos. O primeiro, por se tratar de uma obra extensa, complexa, bem fundamentada teoricamente e, em muitos casos, somente acessada e entendida por poucos leitores, ligados às universidades onde atuou, necessitando ser divulgada mundialmente. Esta pouca abrangência espacial de sua obra deve-se, em boa parte, à modéstia do autor, além do fato de que era muito exigente, e considerava que sua obra teórico-metodológica ainda não estava conclusa. Dentre tantas justificativas, uma deve-se ao fato de

que, pelo seu falecimento prematuro e em plena atividade acadêmica, a vida não deu ao autor em referência o tempo necessário para publicar em uma obra concisa sua produção acadêmica.<sup>3</sup>

Este texto, na sua primeira parte, contextualiza o tema, fazendo menção às bases teóricas que sustentam a obra de Dinizar Becker. Na sequência, trata do que aqui denominamos de enfoque da economia política neogramsciana e o desenvolvimento, sendo esta a centralidade temática do artigo. Num primeiro momento refere-se às precondições do desenvolvimento contemporâneo – a tese da transnacionalização econômico-financeira. Num segundo, refere-se às possibilidades para o desenvolvimento contemporâneo – a antítese da regionalização –, para, no final, destacar as alternativas para o desenvolvimento contemporâneo – a síntese da flexibilização político-institucional.

Espera-se, com este artigo, trazer para o mundo acadêmico contemporâneo um enfoque do desenvolvimento local e regional não comumente realizado, estando aberto para as críticas e contribuições dos colegas da academia brasileira e mundial.

## Contextualização da Temática

As obras<sup>4</sup> de Dinizar Becker datam de 1990 em diante e perfazem um contexto teórico a partir da dinâmica do desenvolvimento regional. O autor dedica sua obra à participação social no desenvolvimento contemporâneo e, nos agradecimentos de um de seus livros, enfatiza “que são com muitas e múltiplas mãos que se faz o desenvolvimento humano, comunitário e livre” (Becker, 2000a). Em síntese, sua obra propõe a compreensão dos desafios do desenvolvimento local e regional a partir do

---

<sup>3</sup> Obra editada recentemente (Agostini; Bandeira; Dallabrida, 2009) que reúne as principais publicações do autor.

<sup>4</sup> Das obras do autor, serão consideradas para análise as que discutem centralmente a temática do desenvolvimento.

ênfase de uma “economia política neogramsciana” do desenvolvimento contemporâneo. O objetivo maior de sua obra, expresso em um de seus últimos escritos (Becker, 2003c), era:

construir um referencial crítico e alternativo, para analisar e explicar as dinâmicas diferenciadas dos processos de desenvolvimento local-regional e, ao mesmo tempo, para viabilizar pontes entre professores, pesquisadores, planejadores e gestores, sujeitos coletivos diretos das dinâmicas diferenciadas dos processos de desenvolvimento local-regional.

Suas preocupações perpassavam a falta de integração entre as diversas atividades de ensino, pesquisa, planejamento e gestão do desenvolvimento das regiões e, por isso, um dos seus objetivos era propor bases teórico-metodológicas constituidoras das interfaces entre os diversos agentes do desenvolvimento regional.

Outra preocupação geral do autor era o contexto econômico atual, no qual, segundo ele, a produção tende a ser acelerada e cada vez mais competitiva, enquanto crescem as desigualdades sociais, sejam elas em âmbito nacional ou regional. Mantinha seus questionamentos iniciais quanto aos motivos de algumas regiões adaptarem-se ao movimento mundial do capital e outras não.

Na quase totalidade de suas obras, o escopo de análise está na contextualização da competitividade, sustentabilidade e flexibilidade, mantendo a tese dos dois processos contraditórios de transnacionalização econômico-financeira e de regionalização dos espaços sociais. Na sua última obra (Becker, 2003c), ao que parece, consolidaria ou pretendia consolidar suas proposições no que tange às dinâmicas regionais diferenciadas do desenvolvimento contemporâneo, considerando as interações econômicas, sociais, políticas e ambientais dos diferentes agentes regionais. No todo, suas obras contemplam abordagens referentes “à crescente transnacionalização dos espaços econômicos nacionais” (Becker,

2002a, p. 33), até o exame da proposição de sustentabilidade e flexibilidade na sociedade atual, em um contexto de regionalização dos espaços sociais.

Essa discussão se dá, enquanto contexto teórico, a partir do enfoque da economia política, que se configura como tema principal de algumas de suas obras. Como tese central, contextualiza o movimento da transnacionalização econômico-financeira que possibilita e viabiliza a competitividade regional e como antítese deste movimento, ou seja, o contramovimento, o movimento contraditório, que caracteriza a regionalização do desenvolvimento. Essa regionalização, por ser o movimento que especifica e individualiza o desenvolvimento das regiões, caracteriza-se por um contramovimento pela sustentabilidade sociocultural-ambiental. Para findar e mediar esses movimentos contraditórios, configura-se a flexibilidade como síntese, a política mediadora das relações sociais-culturais-naturais com o primado econômico da valorização do capital (Becker, 1996a; 1999c; 2000c; 2001c; 2002a; 2002b; 2002c; 2003c).

A conformação clara da economia política, a partir da teoria de Gramsci, ocorre no livro que estava no prelo. Toda sua produção acadêmica leva em consideração a obra de Gramsci, pensada a partir do conceito de tese-antítese-síntese. É nesta última obra, no entanto, que propõe “uma economia política neo-gramsciana do desenvolvimento contemporâneo” (Becker, 2003c).

Propõe o autor uma construção do conhecimento a partir de nova metodologia de entendimento do desenvolvimento regional, uma relação dialética na qual competitividade e sustentabilidade são mediadas pela flexibilização do desenvolvimento contemporâneo. Ou seja, “competitividade, sustentabilidade e flexibilidade conformam três campos distintos e separados, mas complementares, que fundamentam e dão dinâmica ao processo de desenvolvimento contemporâneo” (Becker, 2002a, p. 41).

Por fim, percebe-se que o autor, em sua discussão teórico-metodológica sobre desenvolvimento, tem claro

[...] que é irreversível a tendência ao desaparecimento das grandes utopias, chega ao fim a era dos grandes modelos de desenvolvimento, e que, ao mesmo tempo, essa tendência tem um outro lado: cria a necessidade, ou melhor, abre a possibilidade para o surgimento de novas e diversas utopias. Dessa forma, geram-se as condições concretas para a coexistência de múltiplos modelos de desenvolvimento (Becker, 1995, p. 3).

Como contexto de todo seu trabalho, tem-se a nítida impressão de que se faz jus ao referido a seguir: “[...] não se tem nenhuma ilusão, nenhuma fé, de que, por exemplo, a ‘regionalização’ disso ou daquilo seja melhor ou pior, para beltrano ou cicrano. Regionalizar, localizar, territorializar as dificuldades, os problemas é funcional ao sistema capitalista” (Becker, 2002c, p. 23).

## **O Enfoque da Economia Política Neogramsciana e o Desenvolvimento**

Sem a pretensão de esgotar o tema, propõe-se a seguir algumas bases teóricas para a compreensão das possibilidades e desafios do desenvolvimento local e regional, a partir do enfoque da economia política neogramsciana. Utilizam-se bases teórico-metodológicas da obra do professor Dinizar Becker, conforme já referenciado anteriormente.

A construção científica do autor em referência baseia-se em teses acerca da fundamentação teórica das relações contraditórias entre capital e trabalho, e entre o movimento global e local do desenvolvimento contemporâneo. Assim, as bases teóricas da obra do professor Dinizar per-

passam, inicialmente, as considerações acerca do conceito de Economia Política<sup>5</sup> (Becker, 1994a; 1994b; 1998b; 1999a; 2001a; 2002b; 2003b) entendida a partir das

[...] relações dos homens entre si e as relações dos homens com a natureza [que] num determinado espaço dão forma e conteúdo ao processo de desenvolvimento. Assim, estruturam, a cada tempo histórico, uma determinada organização (social, econômica, política) possível e necessária para produzir as necessidades materiais e culturais (Becker, 1994a, p. 10-11).

A partir do contexto identificado, o autor destaca em suas proposições uma construção teórico-histórica (Becker, 1999a) e lógico-metodológica (Becker, 1998b) da economia política do desenvolvimento contemporâneo. As fundamentações teórico-históricas perpassam dois aspectos contraditórios e complementares do desenvolvimento; um de transnacionalização do capital e, outro, de regionalização da força de trabalho. As considerações lógico-metodológicas identificam os aspectos metodológicos com relação a essas duas tendências mundiais contemporâneas: a da globalização, a transnacionalização econômica, a mundialização do capital e a da regionalização dos espaços sociais, como movimento de reação ao primado econômico, galgada na cultura e na diversidade ambiental.<sup>6</sup> O professor Dinizar emprega fundamentações de teóricos reconhecidos para propor a contextualização e análise das duas tendências.

Alguns autores<sup>7</sup> são balizadores da construção da obra do professor Dinizar ao discutir os movimentos contraditórios do capital e do trabalho, nos quais estes dois opostos se anulariam num certo estágio de

---

<sup>5</sup> A construção teórica a partir da Economia Política trata da Economia como Ciência Social, abrangendo “o conjunto de atividades que formam a vida econômica da sociedade. Metodologicamente, a economia política se encarrega de explicar ou interpretar não só a atividade essencialmente econômica, mas também suas condicionantes sociais e políticas” (Singer, 1989, p. 18).

<sup>6</sup> Ambiente significa um conjunto de circunstâncias ou condições em que coexistam a sociedade, a natureza, a economia, a política. Não toma formas somente no sentido natural ou biológico/ecológico, e sim na interação entre os vários aspectos da coexistência das várias espécies, “ambiente como conceito que orienta a construção de uma nova racionalidade social” (Leff, 2001, p. 25).

<sup>7</sup> Autores como Norberto Bobbio, Alain Touraine, Anthony Giddens.

desenvolvimento, surgindo uma terceira via desta totalidade dialética. Outros teóricos<sup>8</sup> tratam o estudo dessas tendências como um “pensar global e agir local”, dividindo suas análises em três momentos: num, identificam o global, tratando como tendência as suas variáveis; após essa identificação e por meio destas tendências, fazem um diagnóstico do desenvolvimento local; e, em seguida, rearranjam o desenvolvimento local em função das variáveis globais. Os estudos feitos nessa linha possuem muitas limitações, como, por exemplo, num movimento do global para o local, sem contemplar o inverso do local para o global. Além dessa, a direção de estudo tomada cria uma homogeneização do local com o global, como se fosse possível igualar os dois em forma e conteúdo.

Em se tratando do inverso, o pensar local e agir global, este também ocorre, no qual surgem autores como Haddad (1993).<sup>9</sup> Esses identificam as especificidades do local, precisando, para explicar o processo de desenvolvimento, de teorias próprias. Os estudos tratados desse ponto de vista seguem três fases: a primeira faz uma descrição do local; a segunda realiza a análise desta descrição, caracterizando o local e criticando o global; e a terceira propõe as correções para o desenvolvimento local, para sua melhor inserção no contexto mundial. Os estudos dessa forma, porém, também sofrem limitações, como a falta de identificação da “complexidade das determinações e desafios do desenvolvimento contemporâneo” (Becker, 1998b, p. 6). Além disso, não possuem ferramentas de análise local.

Considerando o exposto, foram identificadas por Becker (1998b, p. 7) duas visões distintas que tratam do desenvolvimento contemporâneo. O problema característico das duas correntes é a distinção e isolamento

---

<sup>8</sup> Autores como Jorge Luís da Silva Grespan, Scott Lash e obras como: *Made in America: regaining the productive edge* de Dertouzos, M., Lester, R. e Solow, R.; *Made in France: L'industrie française dans la compétition mondiale* de Coriat, B. e Taddei, D.; *Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria brasileira* de Ferraz, J. C.; Kupfer, D.; Haguenaer, L. (Orgs.)

<sup>9</sup> O autor utiliza-se da premissa tolstoniana, que diz: “conhece tua aldeia e serás global” (Becker, 1998b).

dos movimentos de mundialização do capital e regionalização social, o que somente leva estes estudos à “vala comum dos universalismos ou dos particularismos”.

Segundo o autor, o que se quer para o desenvolvimento contemporâneo é tanto pensar local e agir global, quanto pensar global e agir local, mas tendo como mediadora a flexibilidade do desenvolvimento, a política. Para tratar das formas metodológicas existem dois autores que trabalham desenvolvimento nesta linha: Polany (1980) e Gramsci (1975). Tanto um quanto o outro enfatiza como movimento de ação a globalização, a valorização do capital, e como reação o movimento social, regional, no qual as bases são a cultura e a natureza. Gramsci também identifica que a política supera a contradição básica entre economia e sociedade. Além disso, os autores afirmam que não existe um sentido de determinação único. Pode, conforme o período histórico em que se encontra a humanidade, o social ser a ação e o global a reação, ou o inverso, como ocorre nos dias atuais, quando o movimento global é a ação e o movimento regional trata-se da reação, tendo como base de mediação a flexibilidade política (Becker, 1998b; 2003c).

Assim, a proposição lógico-metodológica sugere que, além dessas duas tendências mundiais serem contraditórias, elas são complementares, em que há a ação do movimento econômico e, contrapondo a esta ação, existe uma reação, que é a regionalização. Para mediar essas duas forças contraditórias é que se apresentam os aspectos político-institucionais.

Emprega-se dessa forma um pensar global e agir local e, ainda mais, um pensar local e agir global que sedimentam um desenvolvimento específico de uma região com suas próprias teorias. Para a efetivação das teorias locais, o conhecimento torna-se a maior diferenciação no desenvolvimento regional, que é somente posto em prática e se torna uma vantagem competitiva sustentável pelas habilidades dos agentes econômicos.

Em suas últimas obras (2000c; 2000e; 2001b; 2001c; 2003c), a condição de pensar global e agir local e pensar local e agir global toma formas claras da dialética gramsciana, segundo considerações acerca da construção de tese-antítese-síntese. “É com Gramsci<sup>10</sup> que a esfera da política entra como espaço de mediação e, em consequência, como esfera-espaço de superação dessa contradição básica entre a esfera econômica (o mercado autorregulável) e a esfera social (a autoproteção da sociedade)” (Becker, 2001c, p. 70). Nessas, identifica com clareza o movimento econômico por meio da competitividade no contexto da mundialização, da transnacionalização, como a tese, como o movimento predominante; a regionalização do desenvolvimento, por meio da sustentabilidade, como a antítese, como o processo contrapondo a mundialização; e, como síntese, a flexibilidade por meio da mediação político-institucional, pela reconstrução, como desenvolvimento.

### ***As precondições do desenvolvimento contemporâneo: a tese da transnacionalização econômico-financeira***

Na construção teórica do professor Dinizar perpassa a contextualização da transnacionalização econômica como um movimento principal perante as sociedades mundiais (Becker, 1995; 1996d; 1996/1997; 1997a; 1998a; 1999b; 1999c; 2000e; 2002a; 2002d; 2003a; 2003c).<sup>11</sup> Tal transnacionalização dos espaços econômicos leva as economias nacionais a competirem por capitais estrangeiros via valorização destes, ou seja, a migração dos capitais internacionais ocorre na direção de maiores retornos, e as economias nacionais, buscando atrair estes capitais, viabilizam tais retornos.

<sup>10</sup> As menções a Gramsci feitas pelo autor Dinizar Becker são referenciadas nas obras originais, além de outras que discutiram a teoria gramsciana. Tais referências encontram-se em Becker (2001c).

<sup>11</sup> Citam-se aqui os principais artigos do professor Dinizar Becker que tratam do tema da transnacionalização econômica, mas todos os seus trabalhos, de forma mais ou menos aprofundada, abordam o referido tema como contextualização para suas discussões.

Demonstra-se no contexto mundial atual, por meio do acesso às informações, instantaneamente, a valorização do saber, ou seja, o conhecimento toma formas comerciais e propicia os diferenciais no mercado mundial e a formação de empresas multinacionais, grandes grupos detentores de grandes empresas no mundo, atrelados à liberalização financeira dos capitais em todos os países do mundo. Afirma Becker (1998a, p. 31-32):

[...] existe um movimento geral de transnacionalização, que se caracteriza pelo primado do econômico, considerando as demais dimensões da vida humana como meio. Nesse processo, a direção está nas mãos dos grandes conglomerados mundiais [...]. Esse conjunto de países e de conglomerados econômicos dão uma determinada lógica e dinâmica ao processo de valorização do capital, que se objetivam em padrões de desenvolvimento para o mundo, deixando evidente de quem é a hegemonia no processo de desenvolvimento contemporâneo, o que conforma um processo de igualização econômico-organizacional.

Acrescenta o autor: os grandes conglomerados internacionais usam as regiões para a valorização de seu capital, provocando uma hierarquização dos que proporcionam maior ou menor possibilidades para o capital financeiro. Nesse contexto, qualquer modelo de desenvolvimento que tende a surgir será moldado dentro dos limites e parâmetros da autovalorização do capital financeiro, nas relações baseadas no controle das informações, na assimilação do conhecimento e no poderio financeiro global.

Para tanto, Becker (1995) questiona: Se o desenvolvimento contemporâneo é um processo de globalização ou fragmentação, melhor dizendo, se as condições do desenvolvimento atual podem ser consideradas um movimento global, com fluxos determinados mundialmente, ou considerando o aspecto da territorialização social, pode-se dizer que o desenvolvimento contemporâneo propicia o surgimento de vários e fragmentados desenvolvimentos?

[...] a possibilidade de que aflorem “novos” padrões de desenvolvimento, novas utopias e, por consequência, que coexistam múltiplos padrões de desenvolvimento é uma realidade decorrente do próprio processo de transformações do sistema capitalista e é funcional ao mesmo. Porque é, agora e sempre, um desenvolvimento desigual e combinado (Becker, 2002c, p. 23).

Tendo presente que todo o processo de busca por um desenvolvimento ocorre dentro de um sistema capitalista de produção, ou seja, qualquer modelo é parametrizado pelo capital financeiro, pela globalização, Becker (1995) identifica um enumerado de barreiras a serem superadas para que o desenvolvimento possa se tornar um movimento socioeconômico-político, ou seja, um movimento competitivo baseado na diferença.

A primeira delas é a crença no primado da ciência econômica para explicar todos os aspectos da vida humana; a segunda é consequência da primeira, as sociedades acabam sem ter uma identidade própria diante do movimento global da economia; a terceira barreira é uma separação feita há muito pela própria ciência, a separação do homem da natureza, em que os vínculos do crescimento deixaram de ter impedimentos naturais que lhe são intrínsecos; a quarta barreira que o autor identifica é o credo no progresso material contínuo; como quinta barreira tem-se a identificação do descolamento do processo produtivo real e do processo de autovalorização do capital financeiro; a sexta é consequência da anterior, ou seja, a valorização fictícia do capital financeiro como tal é um entrave para o desenvolvimento; e, por último, a sétima barreira, a centralização dos capitais produzidos pela economia mundial, capitais que estão em posse de poucos grandes grupos capitalistas.

São esses instrumentos “pós-modernos” que, ao mesmo tempo que viabilizam a dominação em escala mundial, abrem a possibilidade, embora dentro de limites muito objetivos e concretos e muito mais

por necessidades do próprio sistema capitalista, para as histórias locais, as tradições do lugar, enfim, para os desejos, necessidades e fantasias fragmentadas (Becker, 1995, p.13).

Os movimentos de transnacionalização do capital, a tese, e territorialização da sociedade, a antítese, balizadores do desenvolvimento contemporâneo, promovem as condições para o surgimento de dois aspectos relevantes objetivando a inserção das regiões neste contexto, o da competitividade e o da sustentabilidade.

Nessas condições, é necessário contextualizar o tema da competitividade e da sustentabilidade, os possibilitadores do desenvolvimento regional. Tem-se o movimento da liberalização econômica, o desenvolvimento do sistema financeiro, a mundialização do capital, por um lado, e a impotência dos Estados Nacionais ante a atuação mundial do capital, por outro, formando o contexto do desenvolvimento econômico atual.

### Considerações acerca do tema da competitividade: a consolidação da tese

Na tentativa de fazer frente ao movimento de transnacionalização e superar as barreiras impostas pelo capital, possibilitando o desenvolvimento regional, a transformação da força de trabalho em cidadãos atuantes e participantes deste processo, e não somente em mão de obra que possibilita a produção e a autovalorização do capital, enfatiza a condição da competitividade, segundo Becker (1996a; 2003c).

Essa competitividade advém, nas últimas décadas, de transformações principalmente tecnológicas e organizacionais e do interesse de empresas transnacionais, seja como ator principal na reestruturação ou na reação estratégica quando de mudanças globais. Compreende, no entender de Becker (1996a, p. 12),

[...] uma imposição do processo geral de transformações conformado pelo processo de globalização econômica (produtiva, financeira, mercado) e que se define no conceito de competitividade, em uma direção dada pelo processo econômico liderado pelos grandes conglomerados mundializados, que acaba se transformando em objetivo de nações, regiões, organizações e instituições.

Para possibilitar a competitividade, ou seja, viabilizar economicamente as regiões diante do processo geral de transnacionalização ou globalização, existe, segundo Becker (1996a), dois desafios em se tratando da economia brasileira: 1) recuperar o sentido inicial de competitividade na criação de novas tecnologias e da inovação que possibilitem a cooperação entre empregados e empregadores na busca por processos inovativos mais competitivos, pois as inovações e o desenvolvimento de tecnologias tem servido somente aos donos do capital, e não aos empregados, como forma de aumentar produtividade e lucratividade, e não como forma de cooperação social, aumento da qualidade de vida dos trabalhadores e da sociedade em geral;<sup>12</sup> 2) desconstruir as formas “familiares” de gestão das empresas brasileiras, baseadas em uma relação de poder e nem sempre em relações profissionais de trabalho.

“Em resumo, a construção da competitividade, enquanto processo de diferenciação, vai muito além de sua dimensão econômica. Adiciona-se, contemporaneamente, a dimensão social, cultural, política, tecnológica e ambiental” (Becker, 1996a, p. 23). O elo entre as empresas é a cooperação baseada na flexibilidade dos aspectos dessas relações; trata-se de um processo de construção competitiva por meio da diferença, da diferenciação social-econômica-política-cultural-tecnológica-ambiental de cada região, redesenhando aspectos quantitativos e priorizando aspectos qualitativos do desenvolvimento.

---

<sup>12</sup> A concepção de tecnologia e inovação aqui apresentada baseia-se “no esforço inovativo japonês do pós-guerra, como reação à ação hegemônica americana na difusão mundial de seu padrão de produção e consumo” (Becker, 1996a, p. 19).

Por fim, para Becker (1996a, p. 32-33),

[...] competitividade é diferença, é processo de diferenciação no econômico, social, político, cultural, tecnológico e ambiental, e não processo de igualação. Em adicional, competitividade é construção, é processo de construção de vantagens competitivas que pressupõem transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, tecnológicas, ambientais favoráveis à reprodução da vida, e não processo de destruição.

Competitividade é aqui entendida como o aspecto de inserção das regiões na tese da transnacionalização dos espaços econômicos, da competitividade entendida como o (des)caminho de um desenvolvimento econômico-financeiro, como o movimento do desenvolvimento regional.

### ***As possibilidades para o desenvolvimento contemporâneo: a antítese da regionalização***

A regionalização dos espaços sociais é promovida pela territorialização e pela fixação da força de trabalho na sua região, no seu local. Melhor explicitando, os capitais tornam-se mundiais e migram conforme a valorização disponibilizada, e os cidadãos fixam-se em seus espaços geográficos com possibilidades reduzidas de alternativas de valorização.

Esse processo faz com que regiões tenham que competir entre si para atraírem o capital. Em alguns casos, os agentes aceitam passiva e submissamente esse processo de desenvolvimento, servindo e dando condições ao mesmo. Em outros casos, a reprodução social (cultural) e ambiental (natural) de cada região (local), utilizada adequadamente pelos agentes regionais, faz com que o desenvolvimento local consiga inserir-se diferenciada, específica e autonomamente no desenvolvimento global (Becker, 1999a).

Este último caso é o que provoca os múltiplos modelos de desenvolvimento dos locais em contraposição e complementando o desenvolvimento global. Conforme Becker (1995, p. 18),

[...] dois aspectos essenciais da vida humana retomam à mesa das decisões, enquanto fatores decisivos do processo de desenvolvimento: cultura e ambiente. Cultura enquanto produto das relações dos homens entre si e dos homens com a natureza local. E ambiente enquanto possibilitador ou limitador de uma inserção diferenciada de cada localidade no processo mundial de desenvolvimento, porque cultura e ambiente são duas faces de uma mesma moeda, o processo de desenvolvimento.

Ou seja, o desenvolvimento contemporâneo de cada sociedade está condicionado aos aspectos culturais, naturais, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos. O local é entendido aqui como aquele lugar onde há identificação dos grupos sociais que o compõem, o que propicia as trocas, os vínculos da referida sociedade.

Para tanto, todavia, são os diversos agentes de cada local que possibilitam a articulação de cada comunidade internamente e das comunidades entre si, consolidando suas relações internas e externas. “Daí advém a necessidade e a possibilidade de se conceber o desenvolvimento econômico, político, social, cultural, tecnológico e ambiental como um processo amplamente participante, democrático e pluralista: uma condição ‘pós-moderna’” (Becker, 1995, p. 20).

### Considerações acerca do tema da sustentabilidade: a conformação da antítese

A sustentabilidade do desenvolvimento (Becker, 1996b; 1996c; 1996d; 1996/1997; 1999b; 1999c; 2000d; 2002a; 2003c) conforma-se no movimento que configura a antítese à tese do movimento de transnacionalização econômico-financeira, possibilitando a regionalização do desenvolvimento.

No intuito de contrapor este movimento de transnacionalização do capital, tem-se um movimento contraditório e complementar, a sustentabilidade tratada como a consideração da relação e coexistência entre as condições biológicas, culturais e tecnológicas de cada sociedade, as quais são possibilitadas ou não por cada sociedade. Compreende a sustentabilidade pensada como alternativa para o desenvolvimento do local, da região, considerando suas especificidades culturais, éticas e ambientais.

Atuar no local, na região, tendo presente os movimentos globais, é um dos desafios da sociedade moderna, conforme Becker (2000d; 2002a; 2002d).

Para tanto, cada lugar, cada local, cada comunidade, cada microrregião, cada região, cada estado, cada nação, cada continente terá que produzir seus mecanismos e instrumentos institucionais de participação. Além da construção destes mecanismos e instrumentos participantes, é preciso decidir por uma marca, por uma identidade social, econômica, política, cultural, tecnológica e ambiental pela qual cada lugar será reconhecido como parte do processo de desenvolvimento mundial. Enfim, é cada lugar, local, comunidade, microrregião, região, etc. ter seu projeto alternativo de desenvolvimento humano (Becker, 2000d, p. 59).

Enfim, há diferentes visões de sustentabilidade; daqueles que creem no desenvolvimento sustentável como racionalizador dos capitais, “como recurso que deve ser preservado, como quantidade escassa, cujo consumo no processo produtivo deve ser racionalizado, já que é considerada meio para a reprodução econômica” (Becker, 2000d, p. 40); daqueles que a veem como a saída para os desencantos do mundo moderno tal qual como ele se apresenta, ou seja, “a sustentabilidade é a que está, entre muitas outras, se tornando hegemônica nos anos 90, como se fosse o re-encantamento do mundo, ou da modernidade” (Becker, 2000d, p. 48); e daqueles que veem a sustentabilidade do desenvolvimento

econômico como uma utopia a ser seguida, pela qual as pessoas tornam-se cidadãos participantes e livres, daqueles que acreditam no diverso, no diferente, para desenvolver seu local, sua região, dentro de um contexto mundializado de capital.

Becker (2000d; 2002a), ao defender a condição de sustentabilidade como uma utopia a ser seguida, afirma que não devem haver ilusões de que isso é pacífico e certo, mas também é verdadeiro que somente ter-se-á uma sociedade mais justa e igual se houver cidadãos participando e decidindo os rumos de sua comunidade.

Além de considerá-la como uma utopia a ser seguida, em suas obras Becker (1996d; 1996/1997; 1999b; 1999c; 2000d; 2002a) discute o tema da sustentabilidade como “um novo (velho) paradigma desenvolvimentista cristalizado no termo sustentabilidade” (2002a, p. 31-32).

Para o autor (2002a, p. 78),

[...] um determinado desenvolvimento será mais ou menos sustentável conforme combine as diferentes dimensões da vida humana: econômica, sociológica, política, cultural, tecnológica, ambiental, etc. Onde predomina a visão do homem econômico, teremos como resultado um tipo de sustentabilidade; onde a predominância é do homem político, teremos como resultado outro tipo de sustentabilidade. O mesmo vale para o homem social, onde este predomina, teremos um terceiro tipo de sustentabilidade.

Em suma, Becker (1996d; 1996/1997; 1999a; 1999b; 1999c; 2000b, 2002a) afirma que o desenvolvimento só é possível se forem consideradas as suas três dimensões: a econômica (global), a da sustentabilidade (regional) e a político-institucional que faz a mediação das contradições dos movimentos anteriores (global e regional). Para se ter um planejamento de desenvolvimento, dever-se-ia identificar e analisar as variáveis específicas dos locais, encontrando as diferenças sociais e ambientais de cada local, as diferenças econômicas e as diferenças políticas para, somente assim, ter um desenvolvimento igual e por completo.

Como possibilidade, acredita-se que os movimentos de sustentabilidade podem ocorrer no local considerando o contexto global. Assim, “as especificidades, porque fontes de diferenças, tornam-se as moedas a definir os ritmos de valorização de cada lugar, de cada local, de cada cultura, de cada pedaço da natureza, de cada conjunto de valores éticos e morais” (Becker, 2000d, p. 59).

Além disso, e muito mais do que isso, Becker (2003c) propõem que

[...] em decorrência das determinações da concorrência mundializada, as comunidades local-regionais são levadas a um crescente processo de regionalização dos espaços sócio-ambientais do desenvolvimento. Nesse processo, a necessidade de autoproteção social leva as comunidades, num primeiro momento, à ação passiva ou à reação do social e do ambiental, para se defenderem das dificuldades decorrentes da regionalização e, num segundo momento, podem, enquanto possibilidade, favorecer uma ação ativa dos agentes para superarem os desafios do desenvolvimento local-regional.

O processo de desenvolvimento local-regional sustentável é necessário ao sistema capitalista de produção e para a conformação da tese da transnacionalização econômica. Nas mesmas condições, no entanto, é contraditório a esta tese, como possibilitador e viabilizador de múltiplos e viáveis modelos de desenvolvimento, baseados nos contextos regionais. Melhor ainda, cada região, cada local, com suas especificidades culturais, naturais, éticas, morais e ideológicas consideradas a partir das condições socioambientais, definirá seu adjetivo sustentável para o substantivo desenvolvimento (Becker, 2000d).

Este processo revela-se necessário e contraditório em um movimento dialético entre quantidade e qualidade, entre economistas e ecologistas, mas, muito mais, entre competitividade e sustentabilidade, mas com uma clareza necessária de que

[...] sem sonhos, sem ilusões com os pés na realidade, mas nem por isso pessimistas e/ou fatalistas, pois, embora dentro dos limites muito claros e barreiras muito precisas, é aconselhável reconhecer que existe uma vaga possibilidade de a humanidade galgar a um patamar superior nas suas relações. Seja nas relações entre os homens, seja nas relações dos homens com a natureza, seja nas relações de poder, há a possibilidade de recuperar, mesmo que em parte, a capacidade criativa e inovadora dos indivíduos. Principalmente recuperar a energia decorrente de participação direta no processo decisório do desenvolvimento (Becker, 2003c).

Dinizar Becker defende uma relação da tese da competitividade econômico-financeira, que busca se integrar ao movimento transnacionalizado e globalizado do desenvolvimento e da antítese, com a regionalização dos espaços sociais que fazem uso de suas especificidades culturais e naturais para a promoção da diferença; uma relação contraditória e que necessita de um componente mediador para viabilizar o desenvolvimento contemporâneo regional, a flexibilização político-institucional.

### ***As alternativas para o desenvolvimento contemporâneo: a síntese da flexibilização político-institucional***

Becker (1996a; 1999c; 2000c; 2001c; 2002a; 2002b; 2002c; 2003c) traz ao contexto o “rasgo de contemporaneidade” (2001c, p. 69) com relação às discussões teóricas tradicionais, quando afirma que os movimentos de transnacionalização por meio do primado econômico e de regionalização, como reação a esse contexto globalizante, ou seja, a identificação de que existem movimentos contraditórios entre economia e desenvolvimento regional, possuem como força mediadora a política.<sup>13</sup> Em outras palavras, a política conforma-se entre economia e

<sup>13</sup> Neste momento o professor Dinizar Becker refere-se em específico a Polany (1980).

sociedade, numa condição contraditória dialética e orgânica em que, trazendo para os contextos global e locais, tanto o global influencia o local quanto o local influencia o global. Nesse contexto, a economia apresenta-se como movimento global e a sociedade como movimento local, contraditórios e mediados pelo movimento da política. Trata-se de movimentos contrários, contraditórios e complementares – um não pode existir sem o outro.

[...] neste nível de análise dialética das diferentes dinâmicas de desenvolvimento que estamos propondo, pode-se trabalhar o processo de desenvolvimento regional, enquanto estruturação de um determinado modelo de desenvolvimento delimitado por um determinado tempo (período) e espaço (local-regional), constituídos por uma dupla oposição ou por uma dupla ação recíproca: num primeiro plano de contrariedade, a oposição ou a relação biunívoca entre o movimento econômico e o contramovimento socioambiental; num segundo plano de contrariedade, a ação recíproca entre o momento estrutural (econômico + socioambiental) e o momento super-estrutural (ideologia + hegemonia = político) (Becker, 2001c, p. 98).

Além do princípio da dialética na relação entre economia e sociedade mediada pela política, considera-se que, buscando os princípios mais básicos da economia política, o desenvolvimento é historicamente concebido, ou seja, as condições do desenvolvimento atual possuem características e condições trazidas do desenvolvimento passado e influenciam e determinam o desenvolvimento futuro. Assim, deve-se considerar passado, presente e futuro nas análises do desenvolvimento contemporâneo e nas relações sociais diferenciadas e diferenciadoras do contexto, afirma o autor.

Ou seja, “é no contexto geral (econômico, social, político) e mais amplo do processo de desenvolvimento [...] que se inserem e têm lugar as dinâmicas diferenciadas dos desenvolvimentos local-regionais” (Becker, 2001c, p. 85).

[...] isso significa a passagem analítica da força de trabalho mercadoria à consciência do trabalho ser antes de qualquer coisa uma atividade humana, a passagem da natureza mercadoria – recursos naturais – para a consciência de que a natureza é antes de qualquer coisa vida em geral, inclusive, é vida humana. E assim se faz a passagem da quantidade à qualidade. Em outros termos, se faz a passagem do valor que se valoriza para a vida que se vitaliza (Becker, 2001c, p. 87).

Dialeticamente contextualizado, percebe-se o desenvolvimento como movimento, como processo e, muito além disso, como movimento diferenciado e diferenciador em cada sociedade, pois a percepção do que é ou não desenvolvimento é diferente para cada sociedade.

E mais, Becker (2001c, p. 102-103), afirma que “o desenvolvimento capitalista é a própria contradição em processo, [...] através da negação das suas próprias determinações”. Nega a condição humana, a condição natural, quando transforma homem e natureza em recursos e nega “a sua própria negação, ao transformar as mercadorias em geral, em capital”. É neste contexto de negação criado no sistema capitalista que surgem os possibilitadores dos movimentos contraditórios, dialéticos, da tese para a antítese e da antítese para a síntese de múltiplos e diferentes desenvolvimentos regionais.

Em função disso, devemos entender o desenvolvimento regional como um processo de transformações econômicas, sociais e políticas, conforme já vimos, cuja dinâmica é imprimida desde “de dentro e por iniciativa própria” dos agentes locais, manifesta nas “mudanças estruturais ou qualitativas” que um desenvolvimento regional sofre a partir de “alterações endógenas” (Becker, 2001c, p. 105).

Pensar o desenvolvimento regional a partir dos aspectos diferenciadores econômicos, sociais, mediados pela condição político-ético-ideológica, é perceber o local e o global dialeticamente abordados. Isto é, as especificidades de cada região é que determinarão o tipo de desenvolvimento que esta terá.

Trata-se de respeitar os valores de cada região, propor a alteração dos papéis do Estado e da sociedade organizada e transformar a democracia participativa em participante, considerando as diversidades socioculturais, que poderão promover a cultura democrática.

Ou seja, aceitando a inexistência de uma única utopia, vários modelos de desenvolvimento podem coexistir. Essa coexistência passa pelas três diferentes esferas aqui citadas: a competitividade, uma necessidade de identificação regional em contraposição ao movimento global econômico-financeiro-produtivo, que se conforma na direção multifacetada imposta pelos grandes conglomerados econômicos e se torna objetivo a ser atingido por nações, regiões; a sustentabilidade, “compreendida como as múltiplas alternativas que cada localidade, região, nação tem, pelas suas diferenças culturais e ambientais, de inserir-se no processo geral potencializando seus recursos” (Becker, 1996a, p. 13); e, por fim, a flexibilidade que se configura nos contextos políticos-institucionais por meio de parcerias, de redes, de consórcios, de alianças, entre grupos comuns, esfera que possibilita a aproximação de Estados, nações, regiões, instituições, entre outros.

“Competitividade, sustentabilidade e flexibilidade conformam três campos distintos e separados, mas complementares, que fundamentam e dão dinâmica ao processo de desenvolvimento contemporâneo” (Becker, 1996a, p. 13).

Para uma região conseguir conciliar um processo de desenvolvimento autônomo e ao mesmo tempo capaz de viabilizar a valorização do capital, possibilitada pela esfera da flexibilidade, proporcionada por valores ético-morais fundamentados na política, no entanto, há a necessidade de se superar dois desafios: um, passar de viabilizadores da valorização do capital financeiro para regiões diferenciadamente desenvolvidas; outro, usar de suas diferenças, suas diversidades e a pluralidade como base desse desenvolvimento.

Em suma, para Becker (1996a; 1999c; 2000c; 2001c; 2002a; 2002b; 2002c; 2003c), há regiões que se desenvolvem autossustentavelmente, outras que não conseguem e se tornam somente viabilizadoras do capital, outras ainda que fazem as duas coisas, o que é melhor e mais difícil e, por último, há aquelas que não conseguem nada e desaparecem. Para se desenvolver, a região precisa ser diferente social, ambiental, culturalmente, ter diversidade econômica viável e ser plural em seus valores políticos e ideológicos (Becker, 2003c). Ou seja, diante da consideração da possibilidade de vários modelos de desenvolvimento, algumas regiões, tendo presente seus interesses e necessidades, constroem seu modelo; outras se adaptam ao movimento da valorização do capital tão somente, não conseguindo construir algum modelo de desenvolvimento; há regiões que unem suas especificidades ao movimento global e constroem seus modelos a partir do melhor aproveitamento dos dois movimentos; há também aquelas que não conseguem nenhum e nem outro e tendem a desaparecer enquanto região (lugar) socioambiental e/ou lugar (região) econômico-corporativo de desenvolvimento.

A questão determinante é: Por que algumas regiões conseguem e outras não determinar seu próprio modelo de desenvolvimento? E mais, como é possível que algumas consigam conciliar suas especificidades regionais e o movimento global para criar um modelo dinâmico e próspero de desenvolvimento?<sup>14</sup>

Pensar os limites que desafiam o planejamento (Becker, 1997b) passa, incontestavelmente, nos limites de pensar o futuro. Determinar o presente em função das perspectivas futuras é desafiador, posto que o futuro é um componente incerto na dinâmica atual do desenvolvimento. As alterações contínuas e cada vez mais rápidas tanto dos aspectos quantitativos quanto dos qualitativos do desenvolvimento, criam outro com-

---

<sup>14</sup> Essa temática gerou um projeto de pesquisa, desenvolvido de 2000 a 2004, cujos resultados foram sintetizados na edição de duas obras: Becker; Wittmann (2003a) e Wittmann; Ramos (2004).

ponente limitante, a incerteza, e, para tratar deste componente, o planejamento toma para si um componente de flexibilidade, “tornando-o, por necessidade, um processo por excelência, dinâmico e aberto, passível de mudanças, adequações, correções, entre outras, a cada momento, seja na sua concepção, seja na sua elaboração, seja na sua execução” (Becker, 2000a, p. 58).

Ao ser concebido como um processo aberto e flexível, o planejamento pressupõe um ponto de partida diferente das formas convencionais de se fazer planos. Parte-se das idéias ou do ideal, do sonho, do desejo, do futuro desejado, para só depois considerar o presente dado. Dessa forma, abre-se condições para se contrapor: potencialidades às necessidades; o futuro desejado ao presente dado; o sonho à realidade; as idéias aos interesses; a qualidade à quantidade; as alternativas de soluções aos problemas; as possibilidades às dificuldades; as oportunidades às ameaças, tendo presente que o sentido de determinação predominante deverá ser sempre do primeiro para o segundo termo (Becker, 2000a, p. 58).

Tendo por base esse princípio, o planejamento é concebido a partir do querer, do futuro desejável, e não do ter, do presente concreto. Um processo assim, necessariamente, precisa contemplar a participação cidadã.

Perceber o desenvolvimento regional é considerar os aspectos da competitividade e da sustentabilidade como contraditórios e flexíveis, intermediando e possibilitando os vários e múltiplos modelos de desenvolvimento regional autossustentável.

## Considerações Finais

O tema base de todas as obras do professor Dinizar Becker é o desenvolvimento regional. Foi na crença da possibilidade e viabilidade do desenvolvimento contemporâneo regional que o mesmo galgou sua carreira acadêmica, científica e político-institucional. Com certeza sua

obra traz uma grande contribuição: elementos teórico-metodológicos para uma compreensão das oportunidades e desafios do desenvolvimento local e regional, a partir do que propõe ser uma “economia política neogramsciana do desenvolvimento contemporâneo”.

Suas obras fundamentam-se nas considerações acerca da economia política, vista a partir da relação dos homens entre si, com a natureza pertencendo a uma história de passado e presente que possibilita o futuro, considerando a organização social, política e econômica de cada região. Uma economia política do desenvolvimento contemporâneo promovido na relação entre o movimento global do capital, e regional, do social-cultural-ambiental e na viabilidade da atuação e participação social para um sustentável desenvolvimento regional.

Ao longo de sua obra Becker criou um modelo de análise da economia política que estava por se confirmar em seu último livro, que permaneceu no prelo, a partir da teoria gramsciana, na qual busca defender uma relação dialética entre global e local, sendo esta relação mediada pela política. Destaca o autor um movimento contraditório entre a ação do global, o mercado, e uma reação do local, a territorialização da força de trabalho, quando um influencia no outro, ou seja, o global interfere e abre possibilidades para o local e o local interfere e abre possibilidades para o global, relação esta que é mediada pela síntese político-institucional. É do movimento dialético entre tese e antítese, entre transnacionalização econômico-financeira e regionalização sociocultural, que surge o movimento de síntese da flexibilização político-institucional.

Melhor explicitando, existe na sociedade contemporânea um movimento de transnacionalização econômico-financeiro que é o movimento de ação da sociedade global, dos grandes conglomerados corporativos, das empresas multinacionais, dos capitais financeiros mundializados. Tal movimento de transnacionalização, ao mesmo tempo que generaliza, que globaliza, que mundializa, permite a viabilização das regiões e o surgimento de múltiplos modelos de desenvolvimento

contemporâneo. Ou seja, da mesma forma que esse movimento mundial iguala as sociedades, as transforma em regiões possibilitadoras do acúmulo de capital, abre possibilidades para a diferenciação regional e para a inserção de cada região de forma diferenciada neste processo mundializado.

Esse movimento promove a competitividade regional, considerando os aspectos específicos de cada região, sejam eles econômicos, financeiros, sociais, culturais, ambientais, que faz com que as regiões tomem parte deste movimento global e atraiam capitais.

Tal competitividade as regiões demonstram por meio de suas estruturas organizacionais e nas inovações tecnológicas que as cercam, nas condições ambientais, na qualidade de vida e na participação cidadã ativa. Essas regiões, que são capazes de determinar, dentro de seu território, a forma de definição de suas estratégias competitivas para se inserir no movimento mundial de transnacionalização econômico-financeira, conseguem diferenciar-se e construir vantagens competitivas.

Na tese, a competitividade é a consolidação da transnacionalização econômico-financeira, pois, da mesma forma que esta se generaliza, abre espaço para as regiões agirem ativamente para a atração destes capitais, utilizando-se de suas próprias forças econômicas, tecnológicas, sociais, ambientais e políticas. No contramovimento da tese da transnacionalização, surge a antítese da territorialização da força de trabalho que permite a regionalização sociocultural-ambiental. Ou seja, o movimento da mundialização dos capitais busca os locais mais atrativos para sua valorização, enquanto a força de trabalho permanece, em sua maioria, fixa ao seu território.

Para tanto, a regionalização social (cultural) e ambiental (natural) possibilita a cada região promover seu próprio desenvolvimento. Possibilitada pelo movimento geral de transnacionalização, a regionalização emprega suas especificidades para promover múltiplos modelos de de-

desenvolvimento que contrapõem e complementam o movimento global. A cultura é entendida aqui como a relação dos homens entre si e com a natureza local, e o ambiente como possibilitador ou limitador da inserção das localidades no movimento mundial.

Para conformar e viabilizar essa regionalização social, a antítese ao movimento transnacional exacerba o movimento da sustentabilidade, concebido a partir da coexistência das condições biológicas, culturais e tecnológicas de cada sociedade, determinada a partir das especificidades culturais, éticas e ambientais de cada local, de cada região, que podem ou não ser utilizadas como possibilitadoras do desenvolvimento regional.

Trata-se da explicação da tese da transnacionalização econômico-financeira consolidada na inserção competitiva regional, em busca de atração destes capitais e uma antítese de regionalização dos espaços sociais (cultural e ambiental), que possibilita o desenvolvimento regional sustentável considerando as identidades do local.

Para mediar essa relação de competitividade e sustentabilidade, existe o que Gramsci chama de “dimensão política” e o professor Dinizar de “flexibilização político-institucional”, entendida como a relação dialética entre o movimento global e o contramovimento regional, complementares e contraditórios, e que necessitam de uma força hegemônica, ideológica, a condição política do desenvolvimento regional. É nesta mediação que os múltiplos modelos de desenvolvimento sustentável regional são viabilizados. Os preconizadores dessa condição político-institucional são os cidadãos participantes, atuantes, considerados a partir da condição de capital social, que fazem a diferença de cada local.

Esta flexibilização pode, em alguns momentos, conformar a região com o movimento global e, em outros, com o movimento sustentável, partindo sempre dos princípios regionais de identidade social, cultural, tecnológica, ambiental, econômica, política e ética. Ela se coloca, assim, na condição de interventora da relação do global e do local, na qual os dois movimentos influenciam e são influenciados.

Por fim, o professor Dinizar salienta que existem regiões que nunca conhecerão o desenvolvimento regional, outras que farão parte só do movimento, e ainda terão aquelas que só farão parte do contramovimento. O autor mostra que o ideal possível para uma região se desenvolver é ser diferente socialmente (ambiental + cultural), ter diversidade econômica viabilizadora da sua competitividade e ter pluralidade ética, ideológica e política.

Tratado a partir da concepção da contradição do próprio sistema capitalista, que nega suas regras, o desenvolvimento configura-se como movimento, como processo, percebido de forma diferenciada para cada localidade, para cada região.

Pensar o desenvolvimento regional, considerando aspectos econômicos (competitividade), sociais (sustentabilidade), mediados pela condição político-ético-ideológica (flexibilidade), é considerar o local e o global na condição dialética de ser, respeitando o passado e tendo as perspectivas futuras de cada região. Para tanto, o diferencial de cada local é que determinará o tipo de desenvolvimento que terá.

## Referências

AGOSTINI, Cíntia. *As abordagens da sustentabilidade nas discussões sobre desenvolvimento: uma análise a partir da obra de Dinizar Becker*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Univates; Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*; Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, Lajeado (RS), 2008.

AGOSTINI, Cíntia; BANDEIRA, Pedro Silveira; DALLABRIDA, Valdir Roque. *Desenvolvimento contemporâneo e seus descaminhos: a contribuição da obra de Dinizar Becker*. 1. ed. Lajeado (RS): Editora Univates, 2009. 503p.

BANDEIRA, P. S. Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional. In: BECKER, D.; BANDEIRA, P. (Orgs.). *Desenvolvimento local-regional*. Determinantes e desafios contemporâneos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. p. 23-128. V. 1.

BECKER, D. F. A economia política do Vale do Taquari: uma análise da dinâmica do processo de desenvolvimento regional. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 1, n. 1, p.1-42, 1994a.

\_\_\_\_\_. et al. *Plano de ação integrada pró-desenvolvimento (Projeto)*. Lajeado: Estudo & Debate, ano 1, n. 1, p. 59-85, 1994b.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento contemporâneo: processo de globalização e/ou fragmentação? *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 2, n. 1, p.1-24, 1995.

\_\_\_\_\_. *Competitividade: um novo padrão de desenvolvimento regional*. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p.9-55, 1996a.

\_\_\_\_\_. *Competitividade: um novo padrão ambiental de desenvolvimento regional*. *Redes*: Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 107-112, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Competitividade: um novo padrão de regulação e/ou normalização*. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 3, n. 1, 1996c; vol. 10, n. 2, p. 197-212, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sustentabilidade: um novo (velho) paradigma de desenvolvimento regional*. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, p. 17-73, 1996d.

\_\_\_\_\_. *Sustentabilidade: os (des)caminhos da regionalização social*. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 3/4, n. 1/2, 1996/1997.

\_\_\_\_\_. *Competitividade: o (des)caminho da globalização econômica*. *Teoria e Evidência Econômica*, Passo Fundo, v. 5, n. 9, p. 7-26, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Os limites desafiadores do planejamento*. *Perspectiva*, Erechim, v. 22, n. 79, p. 87-112, 1997b.

\_\_\_\_\_. *Necessidades e finalidades dos projetos regionais de desenvolvimento local*. *Estudos & Debate*, Lajeado, v. 5, n. 1, p. 29-46, 1998a.

\_\_\_\_\_. *A economia política contemporânea: algumas considerações lógico-metodológicas*, 1998b. (Não publicado).

\_\_\_\_\_. *A economia política do desenvolvimento contemporâneo – algumas considerações teórico-históricas*. *Estudos & Debate*, Lajeado, v. 6, n. 2, p. 41-54, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Sustentabilidade do desenvolvimento: receita racionalizadora, bandeira de luta ou utopia desenvolvimentista*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999b. p. 225-242. (Cadernos de Estudos Municipais).

\_\_\_\_\_. *Os (des)caminhos do desenvolvimento contemporâneo: competitividade, sustentabilidade, flexibilidade*, 1999c. (Não publicado).

BECKER, D. F. *Redenep: a pesquisa, o planejamento e a gestão em rede do desenvolvimento local-regional*. Lajeado: Univates, 2000a.

\_\_\_\_\_; BANDEIRA, P. (Orgs.). *Desenvolvimento local-regional*. Determinantes e desafios contemporâneos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000b. V. 1.

\_\_\_\_\_. O rasgo contemporâneo da lógica dialética – uma concepção metodológica para a análise qualitativa do processo de desenvolvimento local-regional. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 2, p. 41-62, 2000c.

\_\_\_\_\_. A insustentabilidade do discurso do desenvolvimento sustentável. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 7, n. 1/2, p. 37-66, 2000d; v. 11, n. 1, p. 175-195, 2004.

\_\_\_\_\_. Os velhos e os novos desafios lógico-metodológicos na análise qualitativa do desenvolvimento local-regional. Santa Cruz do Sul: Estudos do Cepe, n. 11, p. 99-111, 2000e.

\_\_\_\_\_. A economia política da regionalização do desenvolvimento contemporâneo. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 3, p.7-46, 2001a.

\_\_\_\_\_. A economia política dos direitos fundamentais: uma aproximação teórica dos fundamentos econômicos dos direitos fundamentais. In: LEAL, R. G.; ARAUJO, L. E. B. de. (Orgs.). *Direitos sociais & políticas públicas: desafios contemporâneos*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001b. p. 315-364.

\_\_\_\_\_. Economia política neogramsciana I – uma primeira aproximação exploratória de uma economia política de contexto. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 8, n. 2, p. 57-115, 2001c.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* 4. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002a.

\_\_\_\_\_. A economia política do (des)envolvimento regional contemporâneo. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 3, p. 35-59, set./dez. 2002b.

\_\_\_\_\_. Capital social: um “novo” (velho) paradigma de organização social dos diferentes processos de desenvolvimento regional. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 9, n. 1, p. 7-26, 2002c.

\_\_\_\_\_; BANDEIRA, P. (Orgs.). *Desenvolvimento local-regional*. Respostas regionais aos desafios da globalização. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002d. V. 2.

\_\_\_\_\_; WITTMANN, M. L. (Orgs.). *Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003a.

\_\_\_\_\_. *A economia política da regionalização do desenvolvimento contemporâneo: em busca de novos fundamentos teórico-metodológicos para entender as diferentes dinâmicas de regionalização do desenvolvimento contemporâneo*, 2003b. (Não publicado).

\_\_\_\_\_. *Os (des)caminhos do desenvolvimento contemporâneo: a competitividade, a sustentabilidade e a flexibilidade na conformação das dinâmicas diferenciadas dos processos de desenvolvimento regional*, 2003c. (Não publicado).

GRAMSCI, A. *Quaderni del Cárcere*. Torino: Einaudi, 1975.

HADDAD, P. R. Regiões, regionalismos e desequilíbrios espaciais de desenvolvimento: algumas reflexões. *Análise Conjuntural*, v. 2, n. 2, Porto Alegre: FEE, 1993.

LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

POLANY, K. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SINGER, P. *O que é economia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WITTMANN, M.; RAMOS, M. P. (Orgs.). *Desenvolvimento regional – capital social, redes e planejamento*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

Recebido em: 27/2/2009

Aceito em: 3/8/2009

